

Revista de
EDUCAÇÃO

Volume 1

Fasc. II

SETEMBRO

1921

5/10/21
BOLSON DORRIGES DOS REIS

5

REVISTA DE EDUCAÇÃO

Vol. I — Fase. II

SUMMARIO:

DR. HONORATO FAUSTINO	O ensino activo	67
LOURENÇO FILHO	Estudo da attenção escolar	73
CARLOS M. SODÉRO	Hygiene popular	101
PEDRO CREM	Nossa prosodia	105
OLIVIA BIANCO	Educação physica	110
J. SILVEIRA SANTOS	Pela cultura do vernaculo	113
FABIANO R. LOZANO	A musica nas escolas	119
JOÃO TOLEDO	O ensino do desenho	123
PEDRO DE MELLO	A unificação das normaes	128
ANTONIO VEIGA	O trabalho manual	135
MERCEDES DE AGUIAR	A memoria é educavel?	140
ARTHUR GONÇALVES	Em torno da hygiene escolar	144
RAMIRO ALVES	A arte na escola	152
H. F.	O brinquedo do trigo	158

SETEMBRO, 1921

O TRABALHO MANUAL E O ENSINO INTUITIVO

As almas infantis são brandas como a neve
São perolas de leite em urnas virginaes ;
Tudo quanto se grava e quanto alli se escreve
Crystalliza para sempre e não se apaga mais.
G. Junqueiro

Para que conheçamos a verdade das cousas, é necessario que procuremos nos instruir. E é pela instrucção bem desenvolvida que nos apresentamos para servir á patria, offerecendo-lhe, em qualquer tempo, um concurso proveitoso.

Illustrar o espirito, nobilitando-o com as luzes do ensino, é portanto uma imprescindivel obrigação de todos os que aspiram ver a Patria engrandecida e forte.

E, onde o manancial em que vamos haurir as primeiras e crystallinas aguas do ensino ?

E' na escola primaria, esse sanctuario onde se dissipam as trevas da ignorancia, ao contacto das luzes do ensino. Ella é o tabernaculo em que aprendemos a soletrar as primicias de uma educação esboçada em familia ; em summa, é o templo em que cultuamos a instrucção, dignificando-a com a efficacia da sã moral, sem o que as luzes do ensino tornar-se-iam uma verdadeira utopia.

Um dos caracteristicos primordiaes das nações cultas está, justamente, na razão directa da diffusão de escolas primarias. E' assim que de ha muito tempo as nações modernas não têm descurado esse tentamen nobilitante, espalhando por todos os seus recantos a sementeira de luz, que é a escola, onde se preparam, em alfobre regenerador, os precursores do engrandecimento de um paiz.

Entretanto, é preciso frisar que já desde ha muito tempo Froebel, Locke, Campe, Basedow, notaveis pela illustração e pelo alto descortino pedagogico, reconheciam que todos os nossos conhecimentos ministrados nas escolas, devem ser transmitidos pelos sentidos, com demonstrações intuitivas. D'ahi a tentativa de simplificação e popularisação do ensino, operadas nos paizes cultos, nos quaes se iniciou uma reacção contra a absoleta rotina escolastica.

Vêde como a Allemanha não se tem descurado de ampliar a diffusão de suas escolas, que se caracterizam por uma organização modelar, comprehendendo certamente que na instrucção está o elemento vital de sua nacionalidade.

E que diremos da França, da heroica e illustrada França, onde pontificaram os genios de Cuvier, Rendu, Cousin: da Italia, do colosso dos Estados Unidos, onde o impulso individual attingiu ás culminancias do desenvolvimento e onde, não obstante a instrucção primaria constitue a preocupação dominante de todos os seus dirigentes?



Todos, em summa, concentrando esforços, cooperam para a diffusão das escolas, vasadas sob moldes pedagogicos.

Dissemina-se igualmente, por esse meio, o ensino intuitivo, o unico a nos conduzir á conquista da verdade, e que indubitavelmente, por esse facto, tende a fortalecer e nobilitar o caracter, numa homogeneidade de sentimentos altruisticos.

Entretanto, o que muito contribue para a perfeita viabilidade da instrucção é, certamente, a diffusão dos methodos pedagogicos, que visam transformar a escola num verdadeiro centro de attracção, donde foram banidos o constrangimento, o terror e a ferrea disciplina militar, que anquilosavam, por assim dizer, o caracter infantil.

E não ia somente nisto todo o horror que a creança sentia pela escola. A sciencia livresca predominava em absoluto, irmanando-se com os mais atrozes castigos corporaes.

Em França, entretanto, antes de Rousseau, já Fenelon, Montaigne, Ra-

belais e outros, haviam protestado contra o incondicional abuso da abstracção do ensino.

A intuição, felizmente, substituiu o verbalismo.

Mas, para que seja efficaz o ensino intuitivo, que leva a creança a um estado psychologico excepcional, em que o espirito surprende a realidade sem despender o minimo esforço, é necessario que o mestre — o guia da infancia — tambem possua em grau elevado os tres dominios sob os quaes a intuição se patenteia: — a intuição sensivel, a mental e a moral.

A educação intellectual, nas escolas modernas, deve fugir ao verbalismo esteril de que falava Montaigne. O educador que se preza de conhecer algo da psychologia infantil, procurará desde logo desenvolver paulatinamente na creança todas as faculdades do espirito, mas sempre concretisando, falando continuamente á observação dos educandos.

A percepção encontra logo um vasto horizonte para a sua ampliação, visto como o ensino intuitivo preconizado por Pestalozzi, requer a apresentação em grande escala de objectos necessarios á concretisação do ensino. E é mistér que elle assim seja ministrado, porque o alumno que contempla uma realidade tangivel, põe logo em actividade todos os seus sentidos. E, da contemplação concreta do objecto que se lhes apresenta, surge inevitavelmente a meditação inductiva que obriga o menino a estabelecer comparações, coordenar as suas idéas e deduzir, portanto, conclusões, sobre os factos, que lhe são apresentados.

A maior vantagem deste ensino consiste em deixar ao alumno a liberdade de agir e resolver todas as pequenas difficuldades, na elucidação dos factos sobre os quaes se exercita seu raciocinio.

Evitando, dest'arte, como é preciso e ilar, a contemplação abstracta, uma das cinco funcções da alma, segundo Comte, teremos formado alumnos cheios de convicções, oriundas estas da propria experiencia pessoal. E si é certo que tudo quanto aprendemos é o segredo de uma dificuldade e que o segredo de uma nos ajuda a descobrirmos o de uma infinidade de outras, no dizer de Smiles, o alumno superando difficuldades, a golpes de observação e raciocinio, será certamente um triumphador.

Para se conseguir, entretanto, resultados satisfactorios por meio da intuição, é mistér que o mestre, por todos os meios ao seu alcance, ensine a creança a observar, porquanto exercitar seus sentidos, não é somente fazer uso delles; é ensinar a bem julgar por meio delles, e, de algum modo, a "bem sentir."

A observação, incontestavelmente, favorece a memoria, a attenção e o raciocinio. E é por isso que, dentre as disciplinas do nosso apparelho escolar, que mais contribuem para o desenvolvimento da observação, destaca-se o desenho, em todas as suas modalidades: do natural, copia, de imaginação e de memoria.

Sendo o desenho um elemento essencial ao cultivo das faculdades de observação, invenção, assimilação e retenção mental, na phrase de Ruy Barbosa, é justo que se dedique nas escolas maior carinho e mais attenção a essa disciplina educativa.

Desenvolva-se na creança o senso artistico, para que ella se habitue, desde logo, a adquirir noções de perspectiva e de disposição esthetica. Offerece-nos oportunidade de divulgar entre as creanças um meio facilimo e de grande importancia que contribue para o que pretendemos. Quero me referir a um novo genero de trabalho manual que demanda o concurso do desenho e desenvolve o senso artistico.

Para a execução do trabalho, cuja iniciativa feliz ainda cabe á ope-rosidade do illustrado director da E. Normal desta cidade, sr. dr. Honorato Faustino de Oliveira, é mistér que os meninos façam uma boa provisão de flores, musgos, galinhos, cascas e boccos de plantas as mais variadas.

Quando as flôres, galinhos e musgos desta colheita estiverem bem seccos, toma-se um papel-cartão, de cores desmaiadas e faz-se com esses vegetaes, dispondo-os convenientemente, uma infinidade de trabalhos de applicação, que variam desde as simples cercaduras para trabalhos calligraphicos, até as mais interessantes paizagens.

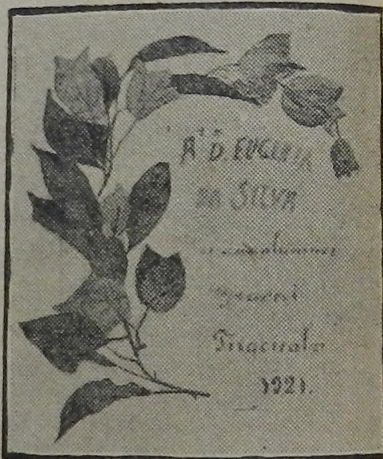
Com delicados ramos e pétalas de variegadas flôres, dispostos com esthetica, obtem-se um quadro ornamental, cujo centro reserva-se para a collocação de retratos ou para a feitura de um trabalho calligraphico.

Para as paizagens, entretanto, é conveniente e mesmo preferivel que se arranje papel-cartão azulado, cuja côr servirá para representar a vastidão immensa do firmamento.

Collocam-se aos lados do papel algumas folhas seccas de cedrinho, cypreste e outras plantas desse genero, fazendo realçar, em primeiro plano, uma verdejante relva, que poderá ser feita de folhas verdes, picadas ou moidas entre os dedos, sendo igualmente pontilhadas de fragmentos de petalas de violeta, amôres-perfeitos, etc.

Apresenta-se-nos um espaço em que poderá ser feita uma paizagem interessante, a nankim, aquarella, lapis de côr, etc., tendo como fundo além a côr azul do céu.

O alumno tambem pôde aproveitar uma paizagem de cartão-postal,



recortando cuidadosamente a parte que representa o céu, aliás muito bem substituido, e com vantagem, pelo fundo azul do cartão. Ao redor, como complemento do painel, collocam-se arvores e outras plantas pequenas e rasteiras, apresentando com esta disposição artistica, um bello quadro, de gracioso relevo, com apparencia exacta de verdadeiras aquarellas.

Entretanto o menino não deverá collar as plantas, sem que primeiro observe o effeito geral. Só depois disso é que collará, parte por parte, com gomma-arabica um pouco forte, obtendo um trabalho de grande effeito, porquanto a disposição adequada dos vegetaes foi feita de accordo com a perspectiva. Sem muito esforço, por méra intuição, o pequeno artifice aprenderá a collocar em primeiro plano os objectos maiores e no segundo e no terceiro cousas successivamente menores.

Despertar-se-á d'esta maneira o seu senso artistico, que, amparado por uma boa direcção, será evidentemente o factor de innumeras creações no genero deste novo trabalho manual, ao mesmo tempo que figurará como bom auxilio para o ensino de desenho, e mesmo de botanica.

ANTONIO VEIGA

(Professor da Escola Modelo Isolada)